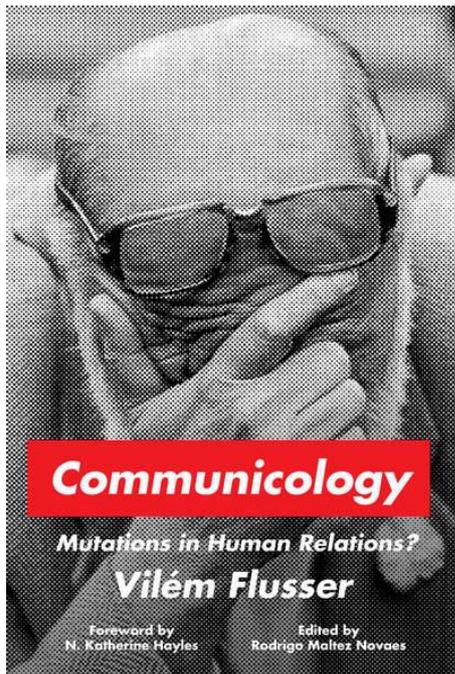


RESENHA

A COMUNICOLOGIA FLUSSERIANA: uma Teoria da Comunicação proposta entre epistemologias em confrontoTiago da Mota e Silva³⁸**Communicology: mutations in humans relations?**

Vilém Flusser, 1978

Publicado pela Stanford University Press, 2022

(236 páginas)

Em 2022, uma das obras fundamentais do filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser (1920-1991) tornou-se (um pouco) mais acessível aos seus leitores brasileiros, graças à edição em inglês de *Kommunikologie*, agora *Communicology: Mutation in Humans Relations?* (Stanford University Press). Originalmente, o livro foi publicado em alemão, em 1998 – postumamente, visto que Flusser faleceu em 1991 – e recebe sua primeira edição em língua inglesa. Trata-se, sem dúvida, de um livro fundamental na obra de Flusser, no qual o autor condensa anos de reflexão e propõe sua Teoria da Comunicação. Embora tenha sido no Brasil que Flusser desenvolveu a maior porção de sua escrita, sua Comunicologia ainda não recebeu edição em português.

Vilém Flusser nasceu em Praga, filho de uma família de intelectuais judeus. Seu pai, Gustav Flusser, foi membro do Partido Social-Democrata e professor na

³⁸ Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-São Paulo, em estágio de pós-doutorado no INPA. E-mail: tiagomotasilva@gmail.com.



Universidade Carolina de Praga. Sua mãe, Melitta Basch, era musicista e cantora. Na sua juventude, Flusser cursou dois semestres de Filosofia na universidade onde seu pai lecionava. Mas seus estudos tiveram de ser interrompidos em 1938, ano em que a Alemanha nazista tomou o controle de seu país. Em 1939, portanto, Flusser e sua então noiva, Edith Barth, fogem e se estabelecem em Londres, onde procurou continuar seus estudos. No ano seguinte, em 1940, emigram para o Brasil com a família de Edith. Chegando ao Rio de Janeiro, Flusser descobre que seus pais, irmã e avós foram mortos em campos de concentração da Alemanha. Em Buchenwald, foi preso e morto o seu pai e, em Theresienstadt, morreram os avós, a mãe e a irmã.

No Brasil, Flusser trabalhou no escritório de importação e exportação de seu sogro, mas continuou estudando Filosofia independentemente. Já nos anos 1950, passa a se dedicar à escrita de suas primeiras obras e estabelece contato com alguns intelectuais brasileiros ao Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), onde lecionou cursos e publicou ensaios na revista do instituto. Ao longo dos anos 1960, tornou-se um ensaísta prolífico, tendo sido reconhecido como importante referência filosófica em São Paulo. Porém, Flusser morou no Brasil até 1972, apenas, voltando a viver na Europa a partir de então, primeiramente na Itália e depois na França. Foi no velho continente onde publicou alguns de seus livros mais conhecidos, aqueles que são fundamentais para a sua proposta de Teoria da Comunicação, que o consolidou como um dos teóricos mais relevantes da área. Desses livros, o mais estudado e mais traduzido é *Für eine Philosophie der Fotografie* (No Brasil, *Filosofia da Caixa Preta*), publicado em 1983, na Alemanha. Porém, embora tenha sido publicado antes, a escrita de *Caixa Preta* é posterior a de *Kommunikologie*, que foi redigida entre 1977 e 1978. Portanto, primeiro o autor colocou sua teoria em *Kommunikologie* para que, depois, nos livros que seguiram, ele a aplicasse a diferentes assuntos ligados à comunicação: a fotografia, a comunicação de massa, a ascensão dos aparatos digitais, a imagem técnica, o design, entre outros.

Flusser encontrou na Teoria da Comunicação um campo de estudos recém-nascido e convidativo. Como é bem sabido, os estudos e problemas definidores da área acadêmica da Comunicação apenas se instituem, enquanto tal, durante e após a Segunda Guerra Mundial, quando os meios de comunicação de massa dão à comunicação um motivo para definição, seja como processo social, seja como recurso



tecnológico. Porém, o próprio termo “comunicação” se apresenta como uma categoria fluida e aberta, que, por princípio, não pertence a uma disciplina, e que se inscreve em toda ordem de seres e em toda ordem de abordagens, seja biológica, antropológica, social, psicológica etc. Havia, portanto, uma tendência inicial dessa jovem ciência em se tornar todo um campo interdisciplinar de pesquisas vocacionadas a serem multiplicadoras de compreensões, com diversos desdobramentos categoriais.

Todavia, concomitantemente, revelou-se também para a Comunicação, enquanto área científica, uma tendência mais dominante: a área acabou formando centros de preparo técnico para o exercício das profissões específicas e relacionadas ao que se chama de mídias, referindo-se aos meios de comunicação impressos, eletrônicos e digitais. Tal ênfase para a técnica pode ser diagnosticada desde a passagem do século XIX para o XX, com todo o desenvolvimento de uma maquinaria de comunicação que acelerou os processos comunicativos. O termo ganha, a partir disso, uma conotação estratégica, que busca dar conta de uma paisagem euroamericana mais urbanizada, mais industrializada, com maior necessidade de coordenação e com acentuados conflitos gerados por abismos de desigualdades socioeconômicas.

Desse momento em diante, parte relevante da Teoria da Comunicação desenvolve um pensar sobre os processos comunicativos tendo-os enquanto instrumentos para a realização de necessidades estratégicas e a elas submetidos. Desde então, o fenômeno da comunicação – isto é, o modo como ele aparece para a teoria – é reduzido para tornar-se sinônimo de divulgação, difusão e disseminação de um plano de objetivos de uma sociedade mais articulada e mais orientada para a eficiência dessas operações. Quando enredada por esses novos termos, reduz-se também a evidência do humano como agente da comunicação para priorizar a informação e seu caráter transmissivo como ponto de partida da análise. Isso vale para o empirismo da *Mass Communication Research*, em Laswell ou Lazarsfeld, para Teoria Matemática da Informação, em Shannon e Weaver, ou até mesmo com a noção de *feedback*, como compreendia a cibernética em Norbert Winner.

Com isso, é possível diagnosticar o início de um projeto ciberneticista de paradigma comunicacional voltado à noção de informação, a partir dos anos 1940, que se desenha como um corredor onde poderiam se encontrar múltiplas disciplinas. Todavia, ao longo dos anos 1970 e 1980, período justamente do auge da escrita de



Flusser e de sua comunicologia, esse paradigma evolui no sentido de oferecer-se como uma teoria universal, com forte valoração para a técnica, capaz de abarcar explicações sobre a linguagem, sobre o comportamento, sobre o funcionamento das instituições políticas e/ou econômicas, etc.

Há, então, um entusiasmo de que o pensamento cibernético seria um unificador dos conhecimentos, inclusive na forma de uma ciência da comunicação assim instrumentalizada. Por outro lado, também surge um movimento de contestação a essa compreensão, que levantava a necessidade de questionar o papel político e ideológico dos meios de comunicação: um caminho epistemológico crítico, marxista, representado pela Escola de Frankfurt, identificando a racionalidade técnica à racionalidade da dominação e à exploração comercial dos meios de comunicação. Com isso, denunciava-se uma tecnocracia que vinha se fortalecendo e tomando para si o paradigma comunicacional.

A comunicologia flusseriana, por um lado, partilha deste entusiasmo ciberneticista, em parte pelo uso de um certo vocabulário, com relevante ênfase para o conceito de informação, mas sobretudo por ter sido proposta com a intenção de tornar-se um corredor interdisciplinar. Mas não é difícil notar o quanto há nela elementos fundantes que também se prestam enquanto respostas críticas ao projeto ciberneticista. A chave para compreendê-la de tal modo está na própria intencionalidade da comunicologia: a tentativa de que a Teoria da Comunicação elabore o “novo homem” -- termo com influência marxista e recorrentemente mencionado por Flusser -- por uma abordagem culturalista da comunicação que não pode, em hipótese alguma, retirar do humano a responsabilidade por seus processos. Isto é, a comunicologia apresenta-se também com problematização política do fenômeno comunicativo: aquilo que pretende desvelar o discurso competente, tecnocrático.

É nesse ponto de extrema tensão, entre epistemologias em conflito, que a comunicologia flusseriana se posiciona, dando à Teoria da Comunicação a imensa responsabilidade pela formulação do novo e assumindo para si a vocação de pensar nas condições para este. Disso resulta que a mudança da análise comunicológica flusseriana dê ênfase para a intencionalidade da comunicação e não para os seus objetivos – isto é, não para seu caráter estratégico, transmissivo e instrumental. O projeto ciberneticista trata a comunicação como um sistema fechado, com uma uniformização de base, em



que a diversidade das trajetórias, dos modos de comunicar, é constrangida e direcionada a algumas poucas explicações. Já a comunicologia flusseriana representa um sistema aberto, com multiplicação de trajetos, que busca compreender como inúmeras intencionalidades podem produzir diferentes aparições do fenômeno comunicativo. Ela trata da dimensão coletiva do comunicar: aquela que se volta para as condições em que as relações transformam a ordem social, a cultura e os ambientes.

